

## “AS MÃES ÓRFÃS” DA DITADURA MILITAR: REFLEXÕES CONSTRUÍDAS A PARTIR DO FILME ZUZU ANGEL (2006)

Dinajilas Gomes de Melo Santos <sup>1</sup>  
Cicera Mônica Rodrigues da Silva <sup>2</sup>  
João Rydllem Alcantara Ferreira <sup>3</sup>

### RESUMO

Falar sobre o episódio histórico da ditadura militar é rememorar um passado sensível marcado pela censura, prisões, torturas, assassinatos, luta pela liberdade de expressão, direitos humanos e busca pela verdade a todo custo. Diante desse cenário permeado de controvérsias, violência e a dor do luto incurável muitas mães tornaram-se “órfãs” de seus filhos, havendo como exemplo Zuzu Angel, uma estilista renomada que lutou incansavelmente pela justiça e honra de seu filho desaparecido e assassinado na ditadura militar no Brasil. Zuzu transformou sua dor da perda em força para denunciar as atrocidades que aconteciam durante o regime militar. Dito isso, o presente trabalho busca compreender a relevância da voz feminina ancorada no protagonismo de Zuzu por intermédio do filme “Zuzu Angel” (2006). A metodologia da pesquisa é respaldada na vertente qualitativa com procedimentos voltados para a análise fílmica através do método de análise do conteúdo de Bardin (2011), assim como um aporte bibliográfico relacionado aos temas de gênero, feminismo e/ou protagonismo feminino durante o período histórico supracitado. Em sua fase final, esse escrito pretende contribuir com a literatura acadêmica acerca da representatividade das mulheres como sujeitos históricos ativos nos acontecimentos que permeiam a História do Brasil, como a ditadura militar, pois sabemos que elas por muito tempo foram silenciadas em detrimento de uma história “única” constituída de homens, brancos e ricos.

**Palavras-chave:** Mães órfãs, Ditadura militar, Protagonismo, Gênero.

### INTRODUÇÃO

Falar sobre regime ditadura brasileiro é retomar um cenário sombrio marcado pela censura, tortura, repressão, suspensão dos direitos constitucionais, exílio, sequestros, perseguições e mortes. Em meio a esse cenário carregado de memórias traumáticas e silenciadas é necessário um olhar problematizador em torno da ditadura militar brasileira para desconstruir as narrativas dos supostos “heróis” e o negacionismo impregnado nesse período da história denominado por muitos como “revolução”.

Ao ser discutido acerca do regime militar brasileiro vários são os pontos de vistas e sujeitos históricos a serem observados cabendo nessa discussão mencionar sobre as mães que

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA, [dinajilasmelo17@gmail.com](mailto:dinajilasmelo17@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino (MAIE) pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, [smonicarodrigues882@gmail.com](mailto:smonicarodrigues882@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri - URCA, [jrydllem@gmail.com](mailto:jrydllem@gmail.com);



perderam seus filhos nesse episódio histórico. O título desse escrito “as mães órfãs...” faz alusão a perda dolorida dos filhos, assim como os filhos recebem essa nomenclatura ao perder seus genitores, nesse trabalho as mães são classificadas com esse mesmo termo.

Zuzu Angel é a representação da mãe órfã que mesmo perdendo seu filho para a violência militar transformou sua dor do luto em força para buscar justiça e honrar o nome de seu filho na tentativa de denunciar as atrocidades ocorridas naquele período atípico da História brasileira.

O referido trabalho parte de uma análise acerca do papel da mulher na posição de mãe na ditadura brasileira tendo como fonte a cinebiografia. Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender a relevância da voz feminina ancorada no protagonismo de Zuzu por intermédio do filme “Zuzu Angel” (2006). A metodologia da pesquisa é respaldada na vertente qualitativa Minayo (2016) com procedimentos voltados para a análise fílmica através do método de análise do conteúdo de Bardin (2011), assim como um aporte bibliográfico.

O referencial teórico é alicerçado nas autorias de Colling (2017) que retrata a questão de gênero e a situação da mulher na ditadura brasileira. Já Priore (2014;2019) apresenta respectivamente a abordagem acerca das mudanças e conquistas das mulheres ao longo do tempo e também estuda os pormenores dos acontecimentos e a participação da população durante a ditadura militar. Teles (2014) trabalha com o protagonismo das mulheres contra o regime ditatorial. Cunha (2000) discorre sobre a visibilidade feminina, a diferença e exclusão das mulheres na história. Ademais, ao longo de texto é citado outros(as) estudiosos(as) que de grande valia para fortalecimento da discussão tecida.

A partir da análise do filme ficou evidente, portanto, a relevância do protagonismo feminino durante a ditadura militar no Brasil havendo como personagens centrais as mães órfãs e as militantes. No mais, ao analisar esse período histórico marcado por passados sensíveis, notou-se a importância do cinema como fonte histórica para a construção de reflexões críticas.

## **METODOLOGIA**

O presente escrito é de caráter qualitativo baseado em Minayo (2016) que compreende que o âmbito qualitativo da pesquisa é alicerçado na subjetividade e na ótica empírica. Desse modo, a metodologia aqui aplicada é voltada para a análise fílmica por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011) que consiste em 3 fases para realização do método analítico: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Ao trazer dessa ferramenta teórica para a prática tendo como fonte o filme Zuzu Angel (2006), os procedimentos realizados foram: pesquisar o filme; assistir 3 vezes ao filme; logo



após essa etapa foi realizado o processo de análise em recorte que “consiste em algo semelhante à reescrita do filme a posteriori, com a intenção de se construir um banco de dados suficientemente alargado, para futuro tratamento e análise do tema, com elementos objectivamente recolhidos” (Siebra, 2011, p. 291). Ou seja, a utilização da técnica de análise de recorte serviu para selecionar as principais informações e cenas para tratar com o objeto de estudo e construir uma reflexão crítica. E por fim foi feita a sistematização de conteúdo e escrita do texto. Ademais, para complementar a discussão foi realizado algumas leituras sobre gênero, feminismo e protagonismo feminino de suma importância para a temática trabalhada.

### **A transformação do papel da mulher na sociedade**

É notório que a mulher ao longo do tempo recebeu as funções de mãe, dona de casa, esposa sendo educada para cumprir com excelência esses papéis. Vale destacar que desde o período neolítico que já havia a subdivisão do trabalho entre os homens e as mulheres e conseqüentemente o papel imposto a cada um na comunidade.

As mulheres eram destinadas as tarefas mais leves como: cuidar dos filhos, organizar as moradias, cozinhar e praticar a agricultura. Um adendo é que foi graças a uma ação da mulher que foi descoberta a agricultura de subsistência, pois ao terminar de consumir algum alimento ela arremecava as sementes na terra e depois a natureza concluía o processo de germinação e o desenvolvimento da planta. Já os homens eram responsáveis por funções mais pesadas como: caçar, pescar, guerrear e proteger as aldeias de possíveis invasores (Guerra, 2021).

Desse modo, com o passar do tempo foi sendo fortalecida a ideia de superioridade masculina e de hierarquia de gênero deixando o espaço público destinado aos homens e o privado para as mulheres. Dando lugar também para o discurso patriarcal culminando com o preconceito e desigualdade de gênero. Colling (2017, p. 01) complementa:

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram pensamento simbólico da diferença entre os sexos, hierarquizando a diferença, transformando-a em desigualdade. Aos homens o espaço público, político, onde se centraliza o poder; à mulher o privado e seu coração, o santuário do lar. Apresenta-se ao feminino uma única alternativa - a maternidade e o casamento.

Tendo como base os lugares de representação do feminino e do masculino, ainda havia aquelas mulheres que não aceitavam as exigências sociais impostas e buscavam seu espaço no âmbito público sendo mal vistas pela sociedade. “Já a mulher pública, sempre foi vista como uma mulher comum que pertence a todos, não célebre, não ilustre, não investida de poder” Colling (2017, p. 4). Assim, compreende-se que as mulheres que eram corajosas e tentavam

adentrar a esfera pública eram julgadas e mal vistas pela sociedade por não serem dóceis e descretas. Para ilustrar essa fala cabe mencionar a figura da personagem Zuzu que delineia uma mulher alvo de críticas sociais da época, devido ao fato de ser uma mulher separada, chefe de família e independente, com uma carreira em ascensão que quebrava todos os paradigmas de mulher recatada e do lar.

Esse período do regime militar repleto de descaminhos da história do país colidia com o avanço do protagonismo feminino mesmo em uma pequena parcela da população, mas que encontrava aos poucos seus lugares na sociedade a partir da inserção no mercado de trabalho, nas universidades e nas lutas pelos direitos civis. Segundo Cruz e Santos (2017, p. 55): “A ditadura demarcou a passagem da mulher que só dizia ‘sim’, para a mulher que agora dizia ‘não’ aos homens ‘estranhos’ que poderiam ser uma ameaça potencial, seja em uma possível sedução e/ou cilada política”.

É válido rememorar que a partir do século XXI começou a ocorrer mudanças significativas na vida das mulheres, elas chegaram nas universidades, aumentando a escolaridade e conquistaram o mercado de trabalho. Priore (2014, p. 5) acrescenta: “De fato, elas estão em toda parte, cada vez mais visíveis e atuantes. Saíram de casa, ganharam as ruas e a vida. Hoje trabalharam, sustentam a família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, ganham e gastam, amam e odeiam. Quebraram tabus e tradições”.

Apesar das mudanças terem sido lentas foram frutos de muita luta corroborando com um novo sentido para a vida que agora não se resumia mais a maternidade e em cuidar do lar podendo até tardar essa função. Agora as mulheres ocupam outro espaço na sociedade participando da vida pública, tendo uma profissão, independência financeira e lutando por seus direitos civis que por muitos anos foram negados.

A seguir é discorrido sobre a análise filmíca de Zuzul Angel (2006) que viveu um hiato doloroso ao perder seu filho para a ditadura militar sem o direito digno de enterrá-lo. Ela buscou forças diante do luto e se utilizou de seu lugar de fala na sociedade para honrar o nome de seu filho e denunciar os crimes cometidos pelo governo.

### **As mães órfãs da ditadura e sua voz ativa: uma análise a partir do filme Zuzu Angel (2006)**

O cinema pode ser caracterizado como uma ferramenta polissêmica tendo em vista que não se resume somente ao fator do entreterimento, mas também serve como fonte histórica para analisar os aspectos políticos, econômicos e sociais de uma dada sociedade em uma determinada época. Ao pegar o filme como fonte histórica tendo a consciência que essa



ferramenta contém elementos ficcionais, mas ao analisá-la de maneira investigativa, ela pode proporcionar uma gama de interpretações e de reflexões críticas acerca da temática exibida.

O filme de gênero cinebiografia *Zuzu Angel* (2006) retrata a vida de Zuleika Angel Jones, conhecida como Zuzu, mãe de três filhos (1 menino e 2 meninas); estilista inovadora, empresária e chefe de família que teve a vida virada ao avesso quando descobre que seu filho foi preso e desapareceu sem deixar nenhuma pista de seu paradeiro. A obra cinematográfica é desenvolvida nesse drama da mãe que busca incansavelmente pelo filho militante político socialista.

Stuart Angel Jones, conhecido como Paulo pelos companheiros militantes, era filho do americano Norman Angel Jones e de Zuzu. Ele tinha dupla nacionalidade, brasileira e norte-americana, foi um estudante de economia que lutava pela liberdade e igualdade de direitos, sendo militante do Movimento Revolucionário de Oito de Outubro (MR-8) que havia como um dos líderes Lamarca que aderiu ao MR-8 na última fase de sua vida. Na sua luta contra a ditadura, Carlos Lamarca passou a maior parte do tempo nas hostes da VPR<sup>4</sup>, odiado pelos militares e responsável por assaltos a bancos e sequestros de pessoas influentes. Lamarca comandou a operação que redundou no sequestro do embaixador suíço na dobra dos anos 1970 e 1971.

O enredo do filme começa com a cena de Zuzu contando sua história de vida trazendo à tona a necessidade de ser ouvida e de ecoar suas denúncias sobre a ditadura. Além da saga interminável da protagonista da trama pela procura do filho, a obra traz como ponto chave de reflexão o retrato escancarado das torturas, injustiças e brutalidades da ditadura no Brasil, aspectos esses que eram maquiados e sonogados pelos militares. Vale lembrar que outras camadas da sociedade apoiavam essas violências e repressões, como o caso da Igreja Católica e dos empresários influentes do período, que davam total apoio à política para aquecer a economia e favorecer seus interesses pessoais. No filme, há uma cena que mostra a estratégia dos militares de mascarar a realidade das prisões para Zuzu, conforme demonstra a fala do capitão do exército falando acerca do “estado de guerra” contra a subversão, ressaltando sempre nunca ter visto Stuart Angel.

Ademais, nessa época da ditadura militar havia os três posicionamentos em torno dos acontecimentos que pairavam o clima brasileiro: os defensores que falaram que o regime era uma “revolução” pelas mudanças ocorridas na economia e na política voltava para uma maior segurança e patriotismo; os opositores que eram contra o poder ditatorial que denominavam

---

<sup>4</sup> Vanguarda Popular Revolucionária: foi um movimento atuante de guerrilha no período da ditadura brasileira.



como golpe e os indivíduos apolíticos que eram aqueles que não estavam a par da situação sangrenta e repressiva que o país se encontrava. Segundo Priore (2019, p.15):

Mas, na segunda metade do XX, houve décadas de grande modificação na política, nos costumes, nas mídias, na cultura e na sociedade. Nem todos os brasileiros foram beneficiados, mas o país mudou.

Desse modo, nota-se que a ditadura foi sentida de diferentes formas pela população brasileira enquanto uns iam à luta contra o regime militar, outros fechavam os olhos para os acontecimentos por medo ou desinteresse e para a outra camada da população nada tinha sido modificado no cotidiano, ou seja, tudo estava normal e a vida seguia. No filme há uma passagem da fala de Zuzu que vale ser destacada para mostrar a situação pacata e inocência que ela vivenciava em meio ao caos que o Brasil enfrentava: “Eu na minha santa ignorância, fazendo moda, vestidinho com flor e passarinho. Moda alegre, descontraída. Moda e liberdade no país do futuro... Um futuro sem meu filho” (Zuzu Angel, 2006).

Nesse momento, percebe-se que a mudança de posição social de uma mãe apolítica com interesses voltados somente para sua vida privada para a transformação em uma mãe militante que vai para o espaço público em busca de justiça e luta pelos direitos humanos contra a política do esquecimento e reconciliação que os militares tentavam transmitir a partir da sonegação dos fatos e o processo de desinformação e silenciamento da população. Cruz e Santos (2017, p. 46) complementam:

As mulheres-mães que até então mantinham o papel social de cuidadora dos filhos passaram, com o drama familiar dos filhos desaparecidos/mortos, a se engajar, também, em alguma forma de militância e luta por direitos sociais e políticos que lhes eram sonegados pela ditadura.

As mudanças significativas, citadas por Priore (2019), atingem principalmente a mídia e a cultura que foram censuradas para figurar um ar de pacificidade e silenciamento dos acontecimentos que cercavam o país. A luta pela liberdade de expressão dos artistas é representada a partir de outros idiomas em que os artistas cantam suas dores e denúncias para não serem perseguidos, censurados ou exilados. Uma cena no filme que ilustra bem o ato contra a censura é o da casa de shows onde Zuzu e sua amiga foram assistir à apresentação de uma artista que canta em alemão contando um pouco sobre o coração revolucionário dos jovens da época. A música serviu de inspiração para o desfile de moda de Zuzu em Nova York como forma de protesto contra a impunidade e violência da ditadura e em memória de seu filho.

O clímax do filme acontece quando Zuzu recebe uma carta anônima que faz com que ela entre em desespero total. Ao ler a carta ela se depara com a notícia que Stuart está morto. Na escrita, detalhes de como aconteceu todo o procedimento até chegar ao destino final do

jovem, o assassinato, que começa pela cilada criada pelos militares que resulta no sequestro de Stuart. Ao chegar na base da aeronáutica do Galeão, Stuart é preso e torturado por não informar o endereço do líder Lamarca.

No dia seguinte, o militante é amarrado a um jipe e arrastado no pátio da prisão em meio a risadas e gritos dos militares, ele era obrigado a colocar a boca no cano de escape do veículo inalando a fumaça tóxica. Depois dessa descoberta a mãe de Stuart vai em busca por punir os culpados pela morte de seu filho e deseja encontrar o corpo do filho para enterrar. Ela vai atrás de provas para incriminar os militares e tenta de toda forma denunciar a tortura e a repressão que estava acontecendo no Brasil. Mas, por conta da censura, praticamente suas tentativas são em vão. Até que ela começa a fazer denúncias fora do país, nomeadamente em solo americano, por seu filho ter dupla nacionalidade.

Logo, Zuzu começa a ser perseguida, ameaçada e reprimida. Assim como seus conhecidos próximos, sendo uma das vítimas Lúcia que sofre um “acidente” quando Zuzu ia viajar com ela, mas desistiu poucos minutos antes da fatalidade acontecer. Ademais, ainda houve o julgamento de Stuart já morto que foi declarado como inocente, sendo mais uma estratégia dos militares demonstrarem a política pacificadora da época e a não culpabilidade pela morte do militante, visto por eles como subversivo e terrorista.

Quando tudo parece não ter mais saída aparece Marcos Aurélio, ex-oficial da aeronáutica que resolve prestar depoimento e entregar as provas que Zuzu necessitava para incriminar os assassinos de seu filho. E junto ao auxílio de pessoas influentes do exterior, Zuzu consegue pegar as provas e descobrir o destino final do seu primogênito, que após as sessões de tortura foi morto e jogado ao mar. Zuzu temendo ser morta escreve cartas para pessoas famosas como Chico Buarque informando se caso morresse por algum motivo acidental a culpa seria dos assassinos do filho dela. E o ato se concretizou em 1976 quando ia saindo de um túnel na madrugada, o carro de Zuzu foi arrastado para fora da estrada vindo a capotar várias vezes, pondo um fim a sua vida.

Zuzu Angel se torna sinônimo de força, resistência e luta pelos direitos humanos e combate à impunidade e violência do regime militar brasileiro. No território argentino uma mãe também se torna a voz da resistência e luta pela honra dos seus filhos desaparecidos e assassinados pela ditadura na Argentina (1976-1983). Hebe Bonafini denunciou os horrores do regime e buscou por justiça. Diferentemente de Zuzu, que se utilizou da moda para manifestar seu luto e indignação pela morte do filho, Hebe se manifestou em local público na praça de Maio para chamar a atenção da imprensa que nessa época estava por perto para cobrir a



transmissão do mundial de futebol. Aos poucos, Hebe foi se organizando com outras mães e avós que buscam por seus filhos e netos desaparecidos na ditadura.

Essas mulheres compartilham a mesma dor e sentimento de Hebe, o luto sem fim e a esperança por notícias de seus entes queridos. Esse protesto é conhecido como Movimento de mães e avós na praça de Maio, realizado desde 1977, que reúne mulheres que marcham em Buenos Aires em uma praça com lenços brancos nas cabeças para denunciar o desaparecimento de seus filhos. Ainda hoje há muitas pessoas desaparecidas e muitas Zuzus e Hebes que vivenciam o luto infinito pelo desaparecimento e perda. Como menciona Chico Buarque de Holanda na música *Angélica* (1977):

“Quem é essa mulher?  
 Que canta sempre o mesmo arranjo?  
 Só queria agasalhar meu filho  
 E deixar seu corpo descansar  
 Quem é essa mulher?  
 Que canta como dobra um sino?  
 Queria cantar pro meu menino  
 Que já não pode mais cantar.”

Fica evidente, portanto, que a ditadura militar foi um período de muita dor, tristeza e luto carregado por mães que não puderam envelhecer em paz sem a presença de seus filhos. E mesmo diante de tantas controvérsias e negação dos fatos é possível enxergar na protagonista do filme a força de vontade por descobrir a verdade sobre o destino do filho. Como menciona Zuzu no filme: “Eu não tenho coragem. Quem tinha coragem era meu filho. Eu tenho legitimidade”. Dessa forma, observa-se que a mãe se transforma em uma leoa para proteger a honra de seu filho contra todos parâmetros e desafiando a ditadura. Zuzu não teve um final feliz, mas deixa a mensagem de repensar e não apoiar ou negar a ditadura, pois se as memórias forem silenciadas e esquecidas, com efeito, os assassinos do amado do filho dela poderiam sair como vencedores ao passo que são capazes de controlar o saber através do poder.

Na próxima sessão é trabalhado a ideia de exclusão e protagonismo feminino tendo como foco a participação das militantes durante a ditadura no Brasil.

### **Entre exclusão e protagonismo feminino na ditadura militar brasileira**

A concepção de exclusão na História das mulheres é bem clara ao se debruçar sobre a representação histórica desse público, pois nos documentos oficiais elas são silenciadas e invisibilidades conforme explica Cunha (2000, p. 143):

É difícil escrever uma história das mulheres, já que o silêncio sobre elas foi mantido durante séculos. Há dificuldade em encontrar registros, visto que arquivos e muitos dos seus vestígios foram apagados e excluídos, uma vez que a história tradicional não





considerava a presença feminina importante. No Brasil, a produção historiográfica que vai analisar este tema, irá resgatar “vários aspectos da condição feminina que variam do século XIX até meados do século XX, como: ama-de-leite, operária, prostituta, solteirona, entre outros”.

Ademais, as mulheres eram vislumbradas por uma visão de inferioridade e de passividade por aqueles que detinham o poder da escrita, segundo Rambaldi (2017, p. 126):

[...]percebe-se que a imagem que se reproduzia da mulher, de modo geral, na historiografia, não estava de fato relacionada a papéis ativos, significativos ou ditos “importantes” na vida pública da sociedade. A mulher era então representada como subjugada, como desprovida de potencialidade para exercer outras funções, além das domésticas. Assim, foi se construindo a imagem de exclusão, diferença e inferioridade feminina.

Ao trazer esses argumentos para o cotidiano escolar fica claro que dentro da historiografia há um mecanismo de estratégias de esquecimento e silenciamento permeado de disputas por representação que entram em vigor na produção do conhecimento histórico, nos currículos e na história a ser ensinada.

Ao contextualizar a ideia de exclusão dentro da história é válido mencionar ainda como a figura feminina era representada no período do regime militar no Brasil. De início as mulheres que eram casadas com empresários, latifundiários ou que eram católicas fevorosas apoiavam o movimento de direita. Segundo Teles (2014, p. 10):

[...] a direita mostrou o seu lado mais enganoso e manipulador: com o apoio da Igreja, empresários e latifundiários, devidamente instruídos por entidades financiadas pelos Estados Unidos como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), mobilizou mulheres para serem usadas como base social dos golpistas que passaram a se vangloriar de ter uma sustentação política com “forte apoio popular”.

Essas mulheres eram manipuladas por seus maridos para cumprir o papel de boas esposas e obedientes e também acreditavam nos ideais impostos pela igreja católica. Porém, nem todas baixam a cabeça diante da situação atípica e iam a luta e resistiam contra o sistema em vigor como o caso das militantes. No entanto, elas não eram vistas como atuantes ativas por ser um espaço público e de poder destinado aos homens. Como afirma Colling (2017, p. 2):

O silêncio sobre a história das mulheres advém de sua não participação na arena pública, espaço da política por excelência. Neste sentido a história da repressão durante o período da ditadura militar é uma história de homens. A mulher militante política não é encarada como sujeito histórico, sendo excluída do jogo do poder.

Nessa perspectiva, a exclusão da mulher na história e na cena pública prevaleceu. Mas,



diante do cenário sombrio e aterrorizante elas não desistiram e “[...] foram à luta de forma mais autônoma e por sua própria vontade” (Teles 2014, p. 14). Muitas participaram de organizações clandestinas para lutarem contra o regime militar.

No contraste entre a exclusão, vale salientar que as mulheres podem ser vistas como protagonistas desse período mesmo não sendo reconhecidas nos registros históricos. Nessa época as militantes que eram contra a direita eram denominadas como “putas comunistas” (Colling, 2017). Visto que elas fugiam do padrão tradicional de mulher submissa e recatada.

Cabe lembrar o caso de Sônia, companheira de Stuart Angel Jones, que enfrentou junto com seu parceiro a ditadura tendo como lema: “nossos sonhos compensam qualquer sacrifício”. Infelizmente, Sônia se tornou mais uma vítima fatal da ditadura militar sendo presa e sofrendo torturas como: choques, espancamentos, estupro, tendo seus seios arrancando, e, por fim, sendo morta por agentes do regime repressivo. Seu corpo nunca foi entregue aos seus familiares.

Muitas foram as mulheres e homens que arcaram com a violência militar desse tempo alguns ganhado título de subversivos/terroristas e até pagando o preço da coragem e resistência com a própria vida, mas não desistiram de guerrear pelos seus direitos civis, pela liberdade de expressão e pela tão sonhada redemocratização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou compreender a relevância da voz feminina ancorada no protagonismo de Zuzu por intermédio do filme “Zuzu Angel” (2006). Vislumbrando a conjuntura histórica da ditadura militar. A partir da técnica de análise de conteúdo juntamente com o método de análise de recorte foi possível perceber a participação das mulheres nesse momento da história de início com uma participação secundária, a sombra de seus esposos e manipuladas pelo poder da igreja católica para apioar o regime vigente. Ao observar a cena pública da temporaridade supracitada, a participação feminina não é bem vista demonstrando o sexismo, a desigualdade de gênero e a exclusão feminina perpetuada não somente nesse momento da História, como também ao longo da História.

Além disso, é necessário frisar a respeito do cinema como ferramenta polissêmica que possibilita a configuração de uma fonte histórica de múltiplas interpretações e de reflexões críticas. Através da cinebiografia de Zuzu Angel (2006) foi possível notar a participação ativa das mulheres não somente das mães órfãs, assim como das militantes que atuaram como protagonistas mesmo sendo julgadas resistiram e persistiram em prol dos seus direitos e em busca pela redemocratização em meio a um estado machista e opressor.

Por fim, é válido mencionar que falar sobre história não é somente rememorar fatos que

aconteceram, mas também entender que eles são formados por sujeitos históricos não somente por homens, mas também por mulheres que merecem visibilidade e serem valorizadas na historiografia e não silenciadas e excluídas.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

COLLING, Ana Maria (2017). As mulheres e a ditadura militar no Brasil. **História Em Revista**, 10(10). (2017).

CUNHA, Maria de Fátima da. Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença. **Hist. Ensino**, Londrina, v.6, p.143, out. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2000v6n0p141> Acesso em: 09 de Fevereiro de 2023.

CRUZ, Fátima Maria Leite & SANTOS, Maria de Fátima de Souza , **As mães de filhos mortos/desaparecidos na ditadura militar no Brasil: da luta política das mulheres à inserção no espaço público** », *The Ordinary of the Americas* [Online], 222 | 2017, publicado em 20 de junho de 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/orda/3518> Acesso em :15 de junho de 2023.

FRANÇA, Bernardo & GATTI, Beatriz. Entenda o movimento das mães e avós na praça Maio da Argentina. **Revista Galileu**. 30 de abril de 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/04/entenda-o-movimento-de-maes-e-avos-na-praca-de-maio-na-argentina.html>. Acesso em: 17 de Junho de 2023.

GUERRA, Lolita Guimarães. **Mulheres na Pré-História dos Livros Didáticos**. In: 31º Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia, 2021, Rio de Janeiro. Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021. Disponível em: [https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628575005\\_ARQUIVO\\_2a63bb24c311f4c5a2b291b2941ea0fb.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628575005_ARQUIVO_2a63bb24c311f4c5a2b291b2941ea0fb.pdf). Acesso em: 26 de Junho de 2024.

HOLLANDA, Chico Buarque. **Angélica**. In: Almanaque. 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AhtlDiuSbIo>. Acesso: 14 de Junho de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

PRIORE, Mary del. **Histórias e conversas de mulheres**. [2 ed] - São Paulo: Planeta, 2014.

PRIORE, Mary del. **História da gente brasileira**. Parte 1. República. Testemunhos. In: “Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”?. São Paulo: Le ya Brasil, 2019.

RAMBALDI, Amália. Kelly. PROBST, Melissa. (2017). As mulheres representadas nos livros didáticos: História do Brasil. **Interfaces Científicas - Educação**, 5(3), 123–134. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2017v5n3p123-134> . Acesso: 12 de Agosto de 2022.



SIEBRA, Jorge. Análise fílmica. **Revista de História das ideias**. Volume: 32(2011). Disponível em: <https://dl.uc.pt/handle/10316.2/41396>. Acesso em: 17 de Agosto de 2024.

TELES, Maria Amélia de Almeida. O protagonismo das mulheres na luta contra a ditadura militar. **RIDH**. Bauru, v. 2, n. 2, p. 9-18, jun. 2014. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/viewFile/173/97>. Acesso: 28 de Agosto de 2024.

**Zuzu Angel**. (BRASIL: 2006). Direção: Sergio Rezende. Produção: Joaquim Vaz de Carvalho. Roteiro: Marcos Bernstein e Sergio Rezende. Distribuidora: Warner Brothers. Gênero: Drama. Duração:110 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OeRr1ipK-N0> Acesso: 14 de Junho de 2023.